



**A PATEMIZAÇÃO NO DISCURSO: RELATO DO FOTOJORNALISTA MAHMOUD
RISLAN, EMOÇÕES E IMAGENS DE OMRAN DAQNEESH**
**PATEMIZATION IN DISCOURSE: REPORT BY PHOTOJOURNALIST MAHMOUD
RISLAN, EMOTIONS AND IMAGES BY OMRAN DAQNEESH**

FRENEDA, Jorge Luiz¹

SILVESTRE, Neide²

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é o de emprego das emoções e seus efeitos possíveis de patemização veiculadas por notícia da mídia digital, os elementos textuais e imagéticos fornecidos pelos sites *Portal R7* e *Portal G1*. A emoção pode ser empregada em um processo discursivo como efeito visado (ou suposto), sem ter a garantia sobre o efeito produzido nos receptores efetivos. Baseando-se nesses fatos, apresentam-se dois textos com acontecimento e com falas diferenciadas para uma narrativa de um mesmo fato que provocou emoções diferentes aos seus leitores. O cenário com os motivos que iniciaram a guerra da Síria e no âmbito da configuração linguística, o efeito patêmico obtido pelo uso de enunciados que visam produzir tal efeito: pela descrição ou pela manifestação do estado emocional em que o locutor supostamente se encontra sobre efeito patêmico.

Palavras-chave: Elementos textuais. Análise do discurso. Tópicas patêmicas.

ABSTRACT

The main objective of this issue is to use emotions and their effects of pathemization conveyed by digital média news, the textual and imagery elements provided by the Portal R7 and Portal G1 websites. Emotion can be employed in a discursive process as an intended (or supposed) effect, without having the guarantee of the effect produced in the actual receptors. Based on these facts, two texts with different events and speeches are presented for a narrative of the same fact that provoked different emotions in its readers, The scenario with the motives that started the war in Syria and in the context of the linguistic configuration, the pathetic effect obtained by the use of statements that aim to produce such an effect: by the description or manifestation of the emotional state in which the speaker is supposedly under the pathetic effect.

Keywords: Textual elements. Speech analysis. Pathemic sets.

¹ Mestre Linguística Aplicada - UNICSUL, especialista Educação a Distância: Elaboração de Materiais, Tutoria e Ambientes Virtuais – UNICSUL e Tradução e Instrumentalização da Língua Inglesa Universidade Estadual Paulista, Graduado Letras – UNIMAR e Pedagogia – UNINOVE. jorgefreneda@hotmail.com

² Mestra Linguística Aplicada - UNICSUL, especialista Práticas Reflexivas no Ensino da Língua Inglesa - PUC-SP e Docência do Ensino Superior - UNICASTELO, graduada Letras - Faculdades Integradas de Itararé, Artes Visuais - Universidade Camilo Castelo Branco e Pedagogia - UNINOVE.

INTRODUÇÃO

O principal emprego das emoções e seus efeitos possíveis de patemização veiculadas por notícia da mídia digital, a partir dos elementos textuais e imagéticos fornecidos pelos sites *Portal R7* com títulos diferentes da mesma notícia: ‘Eu chorava, mas Omran não’ e pelo *Portal G1*: ‘*Lágrimas começaram a cair*’. A análise inicial foi baseada em um questionamento pré-estabelecido com formato próprio sobre a patemização, ou seja, o das categorias patêmicas para comparação de um mesmo relato publicado do fotojornalista Mahmoud Rislán de forma diferenciada por dois conceituados veículos de informação, compreender as estratégias das mídias que têm como base construir informações que definem o local que ocupam no mercado e direcionam as pessoas a terem uma construção de opinião pública e ainda estabelece condições de produção externo-externo, pois as notícias se circunscrevem a uma intencionalidade por efeitos hierárquicos, *status* e posição socioeconômica e política que conduz a reflexão sobre os sujeitos envolvidos no evento e, ainda, àquelas que tiveram acesso à informação já que se utilizaram da permanente construção das imagens para obter credibilidade e seduzir (*ethos*), dramatizaram o ato de tomar a palavra para fins persuasivos (*pathos*), também escolheram e apresentaram valores para a fundamentação de suas propostas.

Ambos os textos da mesma notícia se apresentaram escolhas discursivas não muito diferentes, mas que são apontados por marcas tipográficas tais como aspas, verbos *discendi* em tempos verbais distintos, palavras em caixa alta e negrito para destacar efeitos visados e produzidos a uma escolha de falas alternadas entre os portais e o fotojornalista Mahmoud Rislán que foi o responsável pelas imagens do resgate do menino sírio Omran Daqneesh após um bombardeio em Aleppo que chocaram o mundo e, que relatou sobre suas emoções ao retirar as fotos, apresentando conceitos sucintos de forma a construir nos textos a impressão de veracidade ou aproximação do evento juntamente com as imagens.

As escolhas discursivas dos dois textos têm funções de alcances diferenciados, um por conta da brevidade das informações pelo próprio uso de forte presença de verbos do presente do indicativo trazendo a notícia mais próxima dos leitores e

aparecem falas do fotojornalista que disse que estava vizinho há 300 metros do local do bombardeio que atingiu da casa de Orman em uma notícia e noutra a notícia apresentada pelo mesmo relator uma contradição de algumas de suas falas. Baseando-se nesses fatos se tem, portanto, dois textos com o mesmo acontecimento e com falas diferenciadas para uma narrativa de um mesmo fato que provoca emoções diferentes aos seus leitores e, finalmente, apresentado como cenário os motivos que iniciaram a guerra da Síria, como o mundo se posicionou em relação a ela e como é (foi) vista pelo mundo para, assim, poder realizar a análise propriamente dita das emoções presente nos textos da notícia.

Inserindo-se nessa linhagem, pretendeu-se apresentar, neste estudo, uma reflexão sobre o papel das emoções nos discursos produzidos na mídia por meio de elementos textuais e imagéticos da notícia mencionada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os aspectos básicos apresentados da reflexão sobre a temática da patemização no texto Pathos e discurso político, proferido por Patrick Charadeau no colóquio 'Pathos em ação: o uso das emoções no discurso', em Brest Universidade da Bretanha Ocidental, alerta de que não entra na discussão sobre a adequação de termos para tratar da questão: pathos, emoção, sentimento, afeto, paixão, pois cada um desses termos é capaz de abarcar uma noção específica e cada noção depende da perspectiva teórica também específica (CHARADEAU, 2004).

Contentando-se, então, em distinguir a noção de 'sentimento' da noção de 'emoção'. A primeira mais ligada à ordem da moral, enquanto a segunda está ligada, sobretudo, à ordem do que é sensível. No entanto, empregadas de modo indistinto.

Se partir da hipótese de que as emoções se originam de uma 'racionalidade subjetiva' porque emanam de um sujeito social de que se supõe ser fundado de 'intencionalidade'. As emoções são orientadas em direção a um objeto 'imaginado', já que este objeto é retirado da realidade para se tornar um 'real' significativo. A relação entre o sujeito e este objeto se faz pela mediação de representações (CHARAUDEAU, 2007, p. 240).

A piedade e o ódio que se manifestam em um sujeito não são simples resultado de uma pulsão, nem se medem somente como uma sensação de excitação. A emoção pode ser apreendida na colocação de um objeto em posição ao qual o sujeito se conduz ou busca abordar. Tais conhecimentos são relativos ao sujeito, às informações que ele obteve, às experiências que ele teve e os valores que lhe foram atribuídos, entende-se então que as emoções, ou os sentimentos estão conectados às crenças. Assim, a morte do ponto de vista patêmico vai variar de acordo com quem a vivencie: enfermeiro, fotojornalista, soldado, amigo, parente ou telespectador.

Apoiando-se na ‘retórica dos efeitos’, noção que já estava presente em alguns retóricos da antiguidade, como Aristóteles (1988): persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos (emoções e efeitos possíveis) que o dispõe a partilhar do ponto de vista do orador.

O emprego de palavras ou traços icônicos não constitui necessariamente a prova da existência da emoção. Termos como horror – angústia – cólera - indignação etc., indicam condições emocionais, mas não provocam, essencialmente, emoções. Ainda, palavras como vítima – assassinato – crime – massacre - imagens de sangue, imagens de destruição - imagens de inundação, expressam ou concebem medos, sofrimentos, mas são somente suscetíveis.

Tudo depende do ambiente em que estas palavras são empregadas, do contexto, da situação na qual se registram e de quem as aplica e de quem as recebe. (*id.* 2007, p. 241).

No âmbito da configuração linguística, o efeito patêmico pode ser obtido pelo uso de enunciados que apontam produção de tal efeito: pela descrição ou pela manifestação do estado emocional em que o locutor supostamente se encontra (‘Eu chorava, mas Omran não’ ou ‘Lágrimas começaram a cair’); pela descrição do estado emocional no qual o outro supostamente deveria se encontrar; por uma descrição patêmica de uma cena capaz de produzir no destinatário uma determinada emoção. Portanto, para Charaudeau, as emoções são analisadas discursivamente em termos de efeitos de patemização, que só devem ser analisados como efeitos visados e resultantes da atividade inferencial dos parceiros de comunicação. Tal atividade está diretamente relacionada aos universos de crenças partilhadas por um grupo social.

Tais crenças, por seu turno, servem de apoio a julgamentos de ordem moral. Tem-se, assim, representações sociodiscursivas que constroem saberes de crença, apoiados em certas tópicas. Então, para que o universo patêmico seja edificado discursivamente (especialmente no âmbito midiático), é necessário que os parceiros da comunicação estejam implicados em saberes de crença; que haja uma organização das tópicas patêmicas e que haja uma encenação discursiva com vistas a produzir o efeito patêmico. Portanto, para Charaudeau (2004) a noção de pathos é formulada para assinalar discursivizações que atuam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos.

Por meio de leituras teóricas durante a confecção deste estudo notou-se que os portais utilizaram estratégias de construção de imagens de si mesmos, de maneira a tornarem-se credíveis perante seu público-alvo. Ou seja, se utilizaram do ethos para atrair a credibilidade do público empregando as representações sociodiscursivas e os valores de crença como algo em comum com o público visando gerar um efeito patêmico – buscar a emoção do público. Para representar o ponto de vista, se exemplificará a ideia com algumas tópicas patêmicas como, tópica da dor, tópica da angústia e seu oposto, a esperança entre outras. (CHARAUDEAU, 2007, p. 241).

Charaudeau (2007) definiu cada uma dessas tópicas em termos de cenário e de figura (tristeza-sofrimento / contentamento-satisfação; medo-terror / confiança-apelo; cólera-aversão / benevolência-compaixão) marcando certo lugar (adesão / distância) do telespectador.

Segundo as ideias de Barthes (2014) e Aristóteles (1998) persuadir um auditório consiste em produzir nele emoções que o predispõe a compartilhar o ponto de vista do orador. Logo, as estratégias discursivas que tendem a tocar as emoções do outro ao ponto de seduzi-lo ou não, trata-se de um procedimento de dramatização que incide em atentar a adesão passional do outro, alcançando as pulsões emocionais (CHARAUDEAU, 2007, p. 242).

Não se tem o total domínio da fala emocional lançada, mas, uma suposição racional que será interpretada de várias maneiras. Assim, para analisá-las tem-se que questionar sobre: quem lança essa fala? Ela é endereçada a quem? Qual a situação de comunicação e qual o dispositivo de troca? Qual o objetivo de persuasão que

exigem visadas de credibilidade e de captação da parte da instância discursiva? Com base nessas questões, não se pode declarar que as emoções podem ser tratadas da mesma maneira conforme a circulação das falas uma vez que a cena se caracteriza por um dispositivo que é posto a serviço de uma expectativa de domínio. (*id.* 2007, p. 243).

PATEMIZAÇÃO: AS TÓPICAS PATÊMICAS E A ANÁLISE

Conforme afirma Charaudeau (2004; 2007) a patemização, é um processo desencadeador de emoções, nutre-se de uma ‘subjatividade partilhada’. Ao sujeito, às informações que detém e aos valores que ele atribui a eles estão vinculadas as crenças que, por esse vínculo, ligar-se-iam à racionalidade. Logo as emoções, relacionadas aos saberes dessa crença, atuam-se num quadro de racionalidade em que elas mesmas criam um patamar de intencionalidade.

Em outras palavras, as emoções podem ser vistas como reações já inscritas na identificação de determinados objetos (por meio de signos), e, como propriedade sua, em cada uma das ‘aparições’, algumas reações seriam esperadas numa expectativa partilhada pelo grupo social que, na interação diária, troca experiências e ‘impressões’.

Palavras como ‘cólera’, ‘horror’, ‘angústia’, ‘indignação’ etc. designam estados emocionais, mas não provocam, necessariamente, emoção. Pode acontecer que seu emprego tenha um efeito contra produtivo: explicitar um estado emocional poderia ser interpretado como um faz de conta, porque, como se diz em determinadas culturas, ‘a verdadeira emoção não é dita, é sentida. Outras palavras como ‘vítima’, ‘assassinato’, ‘crime’, ‘massacre’, imagens de sangue, de destruição, de inundação, de desmoronamentos que são em parte ligadas aos dramas do mundo, exclamações (Ah! Oh! Nossa!) são suscetíveis de expressar ou engendrar medos, sofrimentos, horrores, mas são somente ‘suscetíveis’. O que se pode dizer é que estas palavras e estas imagens são, cada vez mais, ‘bons candidatos’ para o desencadeamento de emoções. Mas tudo depende do ambiente em que essas palavras estão, do contexto, da situação na qual se inscrevem, de quem as emprega e de quem as recebe (CHARAUDEAU, 2007, p. 242-243).

A redação dos textos para assegurar esse processo de patemização fez escolhas discursivas que aparecem na notícia em ambos os portais com falas originais entre aspas do fotojornalista envolvido de forma muito próxima do garoto que

sobreviveu ao bombardeio aéreo em Aleppo. ‘Mas Omran me afetou muito porque ele estava em silêncio, não chorava, não dizia uma palavra. Estava em choque. Lembrei da minha filha de sete anos, poderia ser ela. Poderia ser qualquer criança de Aleppo ou de toda Síria’, relatou o jornalista. ‘A família do menino sírio conseguiu sobreviver ao bombardeio’ *ou ainda* Raslan [sic] afirma que ficou comovido pelo fato de o menino estar em silêncio, sem chorar ou dizer qualquer palavra.

Ainda comentou sobre sua filha de apenas sete dias. ‘*Eu pensei que poderia ser ela. Poderia ser qualquer criança de Aleppo ou da Síria.*’, embora semelhantes em teor, mas há marcas verbais *diferentes* entre outros elementos que também relatam a dor, a angústia e a esperança. Antes de iniciar a análise das falas, se verificará o parâmetro existencial das notícias que são determinadas pela percepção mental que foi da fala do fotojornalista: ‘*Eu chorava, mas Omran não*’, publicada pelo *Portal R7* em agosto de 2016 e também pelo *Portal G1* cujo a fala assemelha-se ao anterior mencionado: ‘*Lágrimas começaram a cair*’, Mahmoud Ruslan [sic] disse que ficou comovido por estado de choque do menino no mesmo período, ambos os portais apresentam suas propostas de forma diversificada e disputam um público cujo perfil é específico dos portais da internet por meio dos seus slogans apresentados. O fotojornalista apresenta seu relato de forma a mostrar suas crenças e emoções e eventualmente, ele descreve o que ocorreu dando detalhes de sua experiência compartilhando-a com o mundo e chamando a atenção no caso da informação para a guerra da Síria. A percepção mental é determinada pela descrição dos acontecimentos logo no início da matéria: ‘*O menino sírio Omran Daqneesh, cujas imagens em Aleppo chocaram o mundo, não pronunciou uma palavra e nem chorou durante o ataque*’, de acordo com o fotojornalista de guerra Mahmoud Ruslan [sic], que registrou a imagem.

Imagem foi descrita de uma criança de 5 anos pelo *Portal R7* e de 4 anos pelo *G1* em uma ambulância enquanto aguardava atendimento, sujo de sangue e de poeira, após ser resgatado dentre escombros de um edifício alvo dessa tragédia que causou comoção nas redes sociais.

Conforme os textos lidos nota-se contrastes de inúmeras falas do fotojornalista e dos próprios redatores colaboradores dos portais publicadas tanto pelo *Portal R7*

(*termos* ou fragmentos destacados em **negrito** no texto), como o *Portal G1* (*termos* ou fragmentos destacados em *itálico*) para narrar a mesma notícia, inicia-se a análise comparativa a partir dos títulos escolhidos pelos redatores, a análise recairá sobre a patemização como o máximo indicador, além disso, se verificará o uso dos verbos dicendi e de outros elementos de constituição textual para, somente, ao fim desta incluir o comentário seguindo o processo de descrição, análise, interpretação e juízo a respeito das imagens que foram objetos determinantes para o discurso do fotojornalista.

R7 – Título: [**'Eu chorava, mas Omran não', disse fotógrafo de menino Sírio.**]

Percebe-se um texto breve, não há indicação do nome do fotógrafo, fez-se uso da palavra 'menino' e o qualifica com o adjetivo 'Sírio' dando uma pista do lugar do evento, mas não apresentou um subtítulo ou referências detalhadas de qual menino, exceto pelo nome – 'Eu' que se refere ao fotógrafo foi enfático, pois se estabeleceu para definir qual emoção foi submetido com o emprego de um verbo no pretérito imperfeito do indicativo, no caso 'chorava', ainda assim, não induz porque 'chorava', fala de dor não apenas pelo aspecto sensorial, mas pelo seu estado mental, ainda que fenômenos conflitantes estejam, às vezes, ligados aos dois. A dor deve ser considerada como um estado de insatisfação do sujeito tal como ela o imerge em uma sensação de mal-estar profundo, de sofrimento no qual o corpo do sujeito é tomado à parte e, que pode se traduzir em pôr-se em um recolhimento, uma exteriorização mais ou menos expressiva, ou um abatimento quase total.

O fotógrafo, sujeito da enunciação que realiza o discurso a partir da posição de, não, talvez, mais que um mero, espectador. Pode-se dizer que os interlocutores estão numa relação assimétrica ao tomar como referência a questão do sofrimento (da dor) de cada indivíduo.

O verbo 'chorar' usado no título ao qual se somam outras crenças e que, dessa forma, proporciona a tópica da dor que é desencadeada por um actante-objeto (pessoa ou situação) que colocou o sujeito também em posição de vítima-inerte, razão pela qual a dor é provocada pelas mesmas crenças que colocou o sujeito em posição de vítima, que faz com que o objeto externo fosse interiorizado por ele como causa

interna da dor, nesse caso o choro, a dor de nada poder fazer. Assim, o sujeito se encontrou em uma relação reflexiva com a dor ('auto-patêmica'), interiorizando o objeto causa de sua dor, ele se apresentou como um 'ser que sofre' e se pronuncia.

G1 - Título: *'Lágrimas começaram a cair', diz autor de foto do menino Omran na Síria Mahmoud Rislán diz que ficou comovido por estado de choque do menino.* Apresentou-se um título mais complexo se comparado ao anterior, refere-se ao menino com mais elementos que o qualificam seu nome, ainda indica também o nome do fotógrafo e aponta qual emoção envolvida, aqui as palavras 'lágrimas começaram a cair', usadas como um eufemismo, expressaram uma ideia de 'chorar' como citado no título da notícia do Portal R7, mas forneceram elementos mais precisos, mais consistentes dando a oportunidade ao leitor um entendimento melhor da notícia que foi apresentada. A tópica da dor também pode ser entendida como a do texto mencionado anteriormente, porém com mais informações que o título da notícia do Portal R7.

R7 – Subtítulo da imagem: **Imagem de criança de 5 anos em ambulância rodou todo o mundo.** Novamente o portal apresentou de forma sucinta um texto (subtítulo) que não indicou muito sobre o que irá discorrer. É limitante. Usa apenas um verbo e muitos substantivos, mas não detalhou o tema principal da notícia (se apoiou principalmente na imagem ali publicada para que a história fosse contada.)

G1 – Subtítulo da imagem: *Imagem de menino resgatado de bombardeio virou símbolo da guerra na Síria.* Novamente o portal prontificou-se em qualificar e elevar a posição do menino em relação ao fato ocorrido, tornar-se o 'símbolo da guerra' tendo uma identidade própria, uma localidade definida e uma imagem construída ao seu redor.

Chamada dos portais associadas as imagens:

R7: O menino sírio Omran Daqneesh, cujas imagens de seu resgate após um bombardeio em Aleppo chocaram o mundo, não pronunciou uma palavra e nem chorou durante o ataque, de acordo com o fotógrafo de guerra Mahmoud Ruslan, que registrou a imagem.

G1: *O menino Omran Daqneesh, de 5 anos, aguarda observação em uma ambulância, sujo de sangue e de poeira, após ser resgatado dentre escombros de um edifício alvo de um bombardeio aéreo em Aleppo, no norte da Síria. A cena causou comoção nas redes sociais.*

As duas chamadas dos portais demonstraram que o psicológico de um menino de apenas cinco anos (ou quatro anos) foi tão abalado com o ataque que ele ficou sem reação alguma mesmo a de chorar que seria o normal para qualquer criança na sua idade e esse fato foi tão marcante que passou a comover o mundo e as pessoas que cuidaram do garotinho, ainda assim o *Portal G1* apresentou mais elementos para a comoção, inclui a descrição da imagem de forma única quando mencionou em seu texto ‘sujo de sangue e de poeira’, novamente a dor – associada ao sangue – o que sangra dói e, portanto, a menção da tópica da dor tornou-se marcante no texto que descreveu a imagem.

Percebe-se essa função da matéria nas ações do fotógrafo Mahmoud que já tinha muitas experiências em cobrir tragédias, pode-se incluir a tópica da angustia, por indicar um terror, um estado de choque vivenciado pelo menino e relatado pelo fotojornalista que se sentiu angustiado, a ideia é de mobilizar tudo e todos contra essa guerra, fornecer meios para deter o terror que tem causado a tantos como se verá mais abaixo nas linhas seguintes, pois a angustia é dominante em ambos os textos com nuances diferentes em cada, pelo *Portal R7* mais suscito, seguindo o padrão desde o início da notícia, já no *Portal G1* nota-se algumas palavras que intensificam os sentidos do texto, reforçando a ideia da comoção em todo seu máximo.

R7: ‘Os bombeiros, os agentes das Nações Unidas e o próprio fotógrafo agiram para resgatar os feridos e o primeiro sobrevivente encontrado foi o menino. ‘Minhas lágrimas começaram a cair quando tirei a primeira foto’. Não é a primeira vez que eu choro, já aconteceu muitas vezes quando fotografei crianças traumatizadas. Os fotógrafos de guerra choram frequentemente’, admitiu.

G1: As lágrimas começaram a cair quando eu tirei a foto. Não é a primeira vez que chorei. Chorei muitas vezes enquanto filmava crianças traumatizadas. Eu sempre choro. Nós, fotógrafos de guerra, sempre choramos. Na noite passada todos choraram’, diz o fotógrafo em relato publicado nesta sexta-feira (19) no Facebook pela ONG The Syria Campaign, que trabalha para mobilizar as pessoas para a situação da Síria.

Nos dois trechos acima verifica-se escolhas discursivas no uso de vários advérbios em comum nos dois *Portais R7* e *G1* tais como: (quando, não, já, muitas, sempre e frequentemente). O uso desse recurso é essencial para inserir a enunciados um sentido real de modalização que inclui ponto de vista do enunciador sobre o conteúdo veiculado ao texto. Define que de fato a guerra trouxe (traz) tanta tristeza que não se tem como não chorar diante de tanta tragédia principalmente quando

envolve crianças inocentes traumatizadas, há uma condução exposta para a autenticação da tópica da angústia que mais abaixo se consolidará com a conclusão das falas.

R7: A imagem de Omran sentado dentro de uma ambulância, com o rosto ensanguentado, foi divulgada por ativistas opositores ao regime sírio, do presidente Bashar al-Assad. A cidade de Aleppo é o exemplo do que acontece em toda a Síria desde 2011, quando rebeldes foram inspirados pela Primavera Árabe e começaram a lutar contra Assad.

G1: A imagem, divulgada nesta quinta pelo grupo opositor sírio Aleppo Media Center (AMC), compartilhada por milhões de internautas nas redes sociais e estampada nas manchetes do mundo inteiro, comoveu o mundo e virou um novo símbolo da guerra na Síria.

Nesses trechos percebe-se o espaço externo-interno de acordo com as condições semiológicas da produção o diretor chefe da redação com a ajuda de meios técnicos dispõe de discursos que influenciam maior confiabilidade das informações e na validade de seus comentários prende-se a mais efeitos de dramatização e aos discursos estereotipados que garantem o efeito visado e produz os resultados pretendidos ao receptor. Comover o mundo e por meio desse enfoque reunir fatores de cunho sociológico, psicossocial e sociodiscursivos, que mostrará a mídia como o principal fenômeno a construir uma posição social em seus internautas.

R7: ‘Mas Omran me afetou muito porque ele estava em silêncio, não chorava, não dizia uma palavra. Estava em choque. Lembrei da minha filha de sete anos, poderia ser ela. Poderia ser qualquer criança de Aleppo ou de toda Síria’, relatou o jornalista. A família do menino sírio conseguiu sobreviver ao bombardeio.

G1: Raslan [sic] afirma que ficou emocionado pelo fato de o menino estar em silêncio, sem chorar ou dizer qualquer palavra. Também disse que lembrou de sua filha de apenas sete dias. ‘Eu pensei que poderia ser ela. Poderia ser qualquer criança de Aleppo ou da Síria’.

Nessa análise se verifica uma função importante dos verbos discendi – a argumentativa – está relacionada à interpretação subjetiva em que o fotógrafo fez sobre o dito e que desejou mostrar, como verdadeiro. É indiscutível que as palavras escolhidas por ele no caso os verbos “afetar, lembrar, dizer e relatar” têm enorme influência em sua argumentação.

Assim, o redator, dando uma espécie de ‘visão tubular’ das ideias. Levando a interpretar a fala reportada pelos portais da maneira como o fotógrafo e o redator queriam que a se interpretasse. Os portais também nessa fala trouxeram divergências na idade da filha do fotojornalista no *Portal R7* a menina tinha sete anos de idade e já

no outro *Portal G1* eles apresentaram a filha com apenas sete dias de vida, duas idades que chocam as pessoas com filhos pequenos ou recém-nascidos. Aqui, sem dúvida o texto apresentou uma evidência patente da tópica da ‘angústia’ – segundo Charaudeau (2007), outras figuras pertencem a esta tópica com variações de grau são: o ‘aborrecimento’, o ‘medo’, o ‘terror’ (= ‘estar aterrorizado’). É um estado de espera desencadeada por um actante-objeto desconhecido, mas que representa um perigo para o sujeito. O sujeito mobiliza, assim, suas crenças que lhe fazem encarar diferentes aspectos, sempre negativas, deste objeto. Ele permanece à distância, à espera de saber e diz: ‘o que é que me espera?’. O assunto se essencializa em ‘esperar-ameaçado’, então, o sujeito exprime de maneira elocutiva (‘estou angustiado’).

Diante de um contexto exigente e cobrador de competências, emergiu o efeito patêmico da angústia materializado inicialmente, na autocobrança em um portal: **‘Estava em choque. (menino).** Lembrei da minha filha de sete anos, poderia ser ela. Poderia ser qualquer criança de **Aleppo ou de toda Síria**’ ou ... ‘estar em silêncio (menino), sem chorar ou dizer qualquer palavra.

Também disse no outro portal que lembrou de sua filha de apenas sete dias. *‘Eu pensei que poderia ser ela. Poderia ser qualquer criança de Aleppo ou da Síria’.* O sujeito transborda do particular para o coletivo, o que aumenta o efeito patêmico da angústia, pois segundo ele: ‘É que se ele não mostra a realidade para o mundo sobre a guerra quem sofre são todas as crianças da Síria’.

R7: Atualmente, vários grupos rebeldes e extremistas combatem entre si e contra o governo. Além disso, a organização Estado Islâmico (EI) aproveita a situação para conquistar territórios na Síria e criar um califado.

G1: A luta pelo controle de Aleppo, dividida entre o oeste controlado pelo governo e o leste comandado pelos rebeldes, se intensificou nas últimas semanas provocando centenas de mortes e impedindo o acesso de muitos civis a produtos básicos, luz e água. Desde o início da guerra na Síria em 2011, mais de 270 mil pessoas morreram e mais da metade da população do país deixou suas casas.

Nos recortes acima trataram de informações que remeteram as noções de fenômenos sociais as que sempre dão suporte organizacional para que se possa interpretá-las por diversas questões lógicas, essa no caso seria a simbólica que serve de democracia cidadã tornam-se o objeto de atenção ao mundo político para acionar

a visibilidade social dos fatos. E desta forma gera um espaço público no qual a sociologia estuda esse impacto que a mídia produz sobre a opinião da sociedade. As mídias têm por finalidade apresentar informações objetivas, democráticas, deliberação social, denúncias, explicar fatos relevantes e a descoberta da verdade.

R7: O fotojornalista estava a 300 metros do bombardeio que atingiu a casa de Omran. ‘A primeira coisa que vi foram três corpos estendidos no solo. Eram os vizinhos do menino. Os seis andares do imóvel eram apenas poeiras e escombros. Logo depois, vi outra casa destruída, que era a de Omran’.

G1: ‘Eu moro a apenas 300 metros do [local do] ataque. Logo após as 19h, depois das orações da noite, ouvimos as explosões. Eu corri para lá com outros três ativistas de mídia.

Por meio do discurso direto, reproduziram-se literalmente as palavras do personagem. Tal citação é interessante, por servir como categoria de comprovação figurativa (concreta) de algo que acabou de ser dito pelo narrador. É como se os envolvidos surgissem, por meio das palavras, aos olhos do leitor, corroborando os dados relatados imparcialmente pelo narrador. O recurso gráfico utilizado para atribuir a autoria da fala do outro, que não é o produtor do texto, são as aspas ou o travessão. O discurso direto pode ser transcrito por vários recursos sejam eles acompanhados ou não de verbos discendi como podemos verificar em *R7* o jornalista estava a 300 metros do bombardeio que atingiu a casa de Omran **‘A primeira coisa que vi foram três corpos estendidos no solo.’**...em *G1* *‘Eu moro a apenas 300 metros do local do ataque...’*, a primeira mídia ‘informou’ que o fotógrafo estava próximo ao ocorrido enquanto a outra já ‘declarou’ de uma forma mais segura a fala do fotojornalista em primeira pessoa dizendo que morava a 300 metros do local do ataque assim, trazendo mais verossimilhança aos fatos ocorridos.

As mídias no caso dos dois *Portais R7* e *G1* não só transmitiram a informação da realidade, mas como também construíram em impor um espaço público por meio da linguagem criou-se um sentido particular do mundo. A tópica da ‘esperança’ - Também fazem parte dessa tópica: a ‘confiança’, o ‘desejo’, os ‘votos’, a ‘chamada’, a ‘oração’. Tem as mesmas características da angústia, mas na espera de um benefício, de um acontecimento feliz, de uma melhora do destino que leve o sujeito para esse objeto desconhecido, movimento de confiança em seu acontecimento e de seu efeito

positivo: O efeito patêmico da esperança apresenta-se inicialmente por meio de seu interlocutor, concretizado nos itens lexicais de valor positivo.

IMAGENS E INTERPRETAÇÃO

Orlandi (1993), em um estudo sobre o silêncio, notou que os mecanismos de análise que abarcam o verbal pelo dos não-verbal despontam em efeito ideológico de apagamento que se produz entre diferentes sistemas significantes, sustentando, dentre outros, ao 'mito' de que a linguagem só pode ser percebida como transmissão de informação, ou como sistema para comunicar. O que leva, por um lado, a estabelecer uma relação biunívoca entre um objeto determinado (verbal ou não-verbal) e o seu sentido e, por outro, a trabalhar não com a materialidade significativa de cada linguagem em si mesma, mas, sim, com a tradução do não-verbal em verbal, mascarando as diferenças, a especificidade de cada uma das formas da linguagem. Estudos sobre as formas do silêncio vêm contribuindo tanto à compreensão da materialidade do não-verbal, quanto à ampliação do objeto da Análise do Discurso, ao apontar caminhos para se descrever e entender o não-verbal. A não correspondência com o verbal, porém, não renega o fato de que imagem pode ser lida. Propriedades como a representatividade, garantida pela referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem e, por outro, reafirmam a sua posição de linguagem.

Figura 1. (I) Foto no Portal G1: *Omran Daqneesh com sua irmã dentro da ambulância que os salvou - BBC Brasil.* (II) Foto no Portal R7: **Omran Daqneesh dentro da ambulância que o salvou - BBC Brasil.**



Não porque, dadas tais características, que a imagem informa, comunica, e sim porque - em sua especificidade - se constitui em texto, em discurso. E nesse ponto, retomando a distinção entre expressão (sentido) e designação (referência), sublinha-se que falar dos modos de significação implica falar também do trabalho de interpretação da imagem, procurando entender tanto como ela se constitui em discurso, quanto como ela vem sendo utilizada para sustentar discursos produzidos com textos verbais. Enfim, procurou-se entender como uma imagem não produz o visível; torna-se, por assim dizer, visível por meio do trabalho de interpretação e ao efeito de sentido que se estabeleceu entre a imagem e o olhar. Um olhar que trabalha diferente quando da leitura da imagem. Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade (da esquerda para a direita), a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada 'leitor'.

O trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, pressupõe a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos e, revela qual forma a relação imagem/interpretação tem sido 'gerenciada' em muitas instâncias. A interpretação do texto não-verbal se concretiza, então, pelo efeito de sentidos que se estabelece entre olhar, imagem e probabilidade do recorte, a partir das concepções sociais em que se insere tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador (ORLANDI, 1993).

A imagem do menino sírio de cinco anos exibida pelo *Portal R7* descreveu um silêncio, uma suspensão de qualquer movimento, nem mesmo um esboço de choro, apenas o olhar frio da criança, o espanto que aparece em seu rosto. Ele estava em choque. Sua imagem simplesmente sentado dentro de uma ambulância com o rosto ensanguentado, nem sequer notou a presença da irmã que também permaneceu em silêncio, nem um esboço de choro tampouco, por outro lado o *Portal G1* descreveu o menino de quatro anos (há uma divergência entre os dois portais em relação à idade do garoto, por desvio de informação ou distorção pelo relato do fotojornalista (?)) estava sujo de sangue e de poeira, em choque, sentado no interior de uma ambulância coberto de poeira após ser resgatado dos escombros e que está traumatizado e sozinho.

Em ambas as fotos há elementos dramáticos que trouxeram um confronto entre morte e vida; a imagem do menino ocupou o lugar de destaque de uma forma amplificada; as cores da ambulância pareciam destacar seu corpo pequeno como em um ventre, representando assim o corpo materno como uma forma de proteção ao que é frágil, um ser que está sendo protegido do mundo externo que traz um trauma (em forma de silêncio) ao olhar quase que hipnotizante, definitivamente assustado.

Carregadas de dramaticidade, a morte, a vida e a crença pareciam ser temas centrais envolvendo os elementos que compõem a foto, mas há uma esperança, o modo como o sofrimento do menino foi exposto tão cruel e ao mesmo tão inquietante, com um motivo desafiante ao espectador que pareceu apontar a dor como algo cotidiano e não dramático ao trazer um menino posando de forma complacente, destacando uma inocência que superou qualquer drama, sustentando o próprio retrato.

Foi uma conjunção de dor, angústia, esperança que atuaram no inconsciente, mas sobretudo fizeram parte de uma ideologia que a construiu, aproximando-se do irreal e do utópico. A singularidade da imagem estava na carga afetiva, gerada como um símbolo da guerra, um símbolo positivo, o símbolo de um menininho como a esperança, a inocência que ele trouxe e que é também carregada de sentido, no entanto, o julgamento reforçou o sentido contido na ideia de análise, leitura e interpretação das imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se referiu a termos de 'emoção', que abrange dor, angústia, esperança, e outros termos ligados à ordem do patêmico que, conforme Charaudeau (2000), estão relacionados ao contexto sociocultural em torno do qual as relações linguageiras de troca se inscrevem e que dependem diretamente do contexto situacional de produção do discurso bem como do contrato comunicativo entre os sujeitos do discurso e as crenças e valores compartilhados. O fato de as emoções poderem ser designadas de forma direta (explícita), indireta (signos linguísticos presentes no enunciado), a partir de lugares comuns situacionais, atitudinais e de enunciados

psicológicos variados, ainda, em relação direta desses termos da emoção com as representações que, para Charaudeau (2000) podem ser associadas aos imaginários sóciodiscursivos. Para o autor, quando o processo de configuração simbolizante do mundo se faz através de signos enunciados que significam fatos e gestos, esses testemunham, ao mesmo tempo, a forma como o mundo é percebido pelos sujeitos e os valores que eles atribuem aos fenômenos percebidos.

São considerados patêmicos, para a cultura geral e para o universo comum de crenças e valores que se compartilham e que estão dentro de uma visada acional que faz parte da estratégia persuasiva do sujeito comunicante/enunciador, nesse caso o fotojornalista Mahmoud Rislán, a redação dos *Portais R7* e *G1* de notícias, as imagens do menino Omran Daqneesh. Para as considerações, se crê por bem refletir sobre o ‘lugar de fala’ do fotojornalista e alguns pontos da situação de comunicação em si. Ora, se pensar bem, os dados estão inseridos em uma produção que tem, por característica, provocar ‘efeitos de realidade’ no público. Assim, parte-se do pressuposto de que na narrativa que se analisou, houve a construção de uma estratégia para que o discurso emocionasse, a análise do uso dos termos da emoção no discurso apontou a relação exata entre as emoções com as três concepções de Charaudeau (2000) acerca das emoções: de ordem intencional, ligadas aos saberes de crenças, inseridas dentro da problemática das representações.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1998.
- BARTHES, R. ‘A retórica da imagem’, In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- CHARAUDEAU, P. Pathos. In: CHARAUDEAU, P., MANGUENEAU, D. (Orgs.) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. ‘Pathos e discurso político’, in Ida Lucia Machado, William Menezes, Emília Mendes (org.), **As Emoções no Discurso**, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 240-251, 2007.
- ORLANDI, E. ‘Efeitos do verbal sobre o não-verbal’, Encontro Internacional da interação entre linguagem verbal e não-verbal’, Brasília, março 1993.